



A relação História e Sujeito Nas Palavras e as Coisas de Michael Foucault

MARIA ARIÁDINA CIDADE ALMEIDA*
CARLOS HENRIQUE PIRES DE JESUS**

Foucault e sua prática filosófica

As concepções de Foucault sobre a História, seu objeto e seus métodos só podem ser compreendidas como parte da sua prática filosófica, na qual “o que é feito, o objeto, se explica pelo que foi o fazer em cada momento da história; enganamo-nos quando pensamos que o fazer, a prática, se explica a partir do que é feito”¹. A prática filosófica foucaultiana é caracterizada como um trabalho arqueológico, que consiste em escavar os subterrâneos a fim de compreender as formas genealógicas de poder e submissão. A História dos historiadores é percebida por Foucault como uma narrativa linear, cuja verdade repousa numa concepção essencialista do homem, com ênfase na relação individuo e instituições.

Para Foucault no desenrolar da história, toda objetivação, que inclui subjetividades e materialidades deve ser analisada a partir do fazer momentâneo, da inscrição do ato em determinado momento — o acontecimento faz o objeto, e este não é o elemento de estudo da história; o elemento de estudo são as práticas que levaram à constituição do que é feito. A história pensada por Foucault é uma história presentista e singular marcada pelas discontinuidades das tramas, como crítica a uma história generalizante e totalizante.

Não é de hoje que os historiadores admitem que o fato histórico não existe em sua forma pura, mas enquanto construção subjetiva do sujeito da pesquisa, uma vez que o passado não pode ser abarcado na sua totalidade. No entanto, mais que problematizar as condições de emergência do conhecimento histórico, Foucault problematiza os sistemas de pensamento adotado pelos historiadores para produzir o fato histórico, remetendo para uma diferença

* Professora da Universidade Federal do Acre e mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas.

**Aluno do curso de Bacharelado em História da Universidade Federal do Acre e bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica- PIBIC.

¹ Paul Veyne “Foucault Revoluciona a História”, p. 257.

material até então deixada de lado: as práticas, dentro e fora da linguagem, discursivas ou não, serão agora objetos do fazer histórico no seio das suas transformações.

Olhar a história a partir das suas bordas é fazê-la emergir como transformações e correlações pertinentes aos acontecimentos. Se o discurso tem suas formas de controle e imposição do sentido, a narrativa histórica, na sua ânsia de sucessão contínua, na sua necessidade de dar lógica àquilo que lhe escapa a todo o momento, não deixa de ter suas estratégias de poder no âmbito da linguagem. Tentando analisar as discontinuidades das formas de pensamento existentes entre o Renascimento e a idade Moderna, Foucault tentará em *As Palavras e as Coisas*, responder como se deu as transformações epistêmicas nas suas relações com a economia, a gramática e a biologia? Ao escrever essas discontinuidades Foucault não deixa de nos apresentar a pertinência do homem moderno a partir da sua arqueologia do saber.

A arqueologia do saber das Palavras e as Coisas

Os saberes de uma época são formados por um conjunto de configurações que inclui discursos filosóficos, literários, empíricos, científicos que constituem as positividades. Ao analisar as formas de saberes entre os séculos XVI e XIX, Foucault identifica o surgimento do homem como figura ambígua, cujos duplos encontra-se entre o empírico e o transcendental, e o saber moderno torna-se possível via três positividades: trabalho, vida e linguagem.²

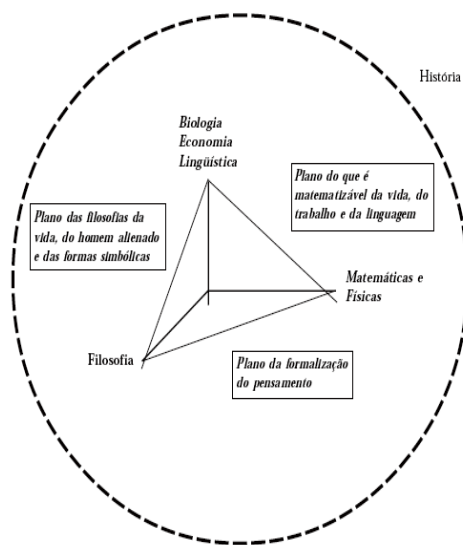
O saber moderno e conseqüentemente as ciências humanas, não é compreendido por Foucault como continuidade ou desenvolvimento das formas de racionalidades anteriores, mas como ruptura e discontinuidade entre o classicismo e a modernidade, pois segundo ele, a figura do homem como objeto do saber inexistia até o início do século XIX. O salto entre o classicismo e a modernidade pode ser identificado pela falta de articulação entre as palavras e os sistemas de representação.³ “É que estamos tão ofuscados pela recente evidencia do homem que sequer guardamos em nossa lembrança o tempo, todavia pouco distante, em que existiam o mundo, sua ordem, os seres humanos, mas não o homem” (FOUCAULT: p.444).

² - As camadas arqueológicas possuem diferentes espessuras e para Foucault, a constituição da “produção”, “vida” e “linguagem”, estão enterradas longes, sendo possível descortinar alguns de seus sinais nas obras de Ricardo para a economia, de Cuvier para biologia e Bopp para filologia. Ver Cap. VIII

³ - Destacada da representação a linguagem não mais existe, senão de um modo disperso. Para os filólogos as palavras são como tantos objetos constituídos e depositados pela história; para os que querem formalizar a linguagem deve despojar-se do seu conteúdo concreto e só deixar aparecer as formas universais validas de discursos, se se quer interpretar, então as palavras tornam-se texto a ser conhecido em sua forma oculta.

O diagrama abaixo mostra o Triedro de Saberes descrito por Foucault. As Ciências Humanas, ou novas empiricidades estão situadas entre a Filosofia e a Matemática. “No século XVII o aparecimento da *máthêsis* como ciência geral da ordem não só tivera um papel fundativo nas disciplinas matemáticas como também fora correlativo da formação de domínios diversos como a gramática geral, a história natural e as análises das riquezas” (FOUCAULT: p.334)

Figura 1. O Triedro dos Saberes¹.



¹ A figura foi desenvolvida pelas autoras.

Fonte: PRADO, Shirley Donizete; SAYD, Jane Dutra.

A condição para o surgimento das Ciências Humanas segundo Foucault consiste na possibilidade de singularizar o homem para conhecê-lo empiricamente. Pode-se dizer que o domínio das Ciências Humanas é coberto por três regiões epistemológicas, todas subdivididas e entrecruzadas umas com as outras: A biologia, a economia e a filologia. A psicologia teria encontrado seu lugar no prolongamento do ser vivo com seus esquemas neuromotores; a sociologia no indivíduo que trabalha, produz, consome e onde reinam as formas de linguagem, os ritos e as crenças. Deste modo, o desenvolvimento da biologia, economia e filologia consolidaram as Ciências Humanas emprestando, inclusive, conceitos e modelos que ajudaram no seu processo de formalização. A História aparece fora do triedo, mas indispensável a sua composição uma vez que, ela é o terreno onde se consolidam estes saberes, e a partir dela as empiricidades são afirmadas, e todos os seres ganham existência.

Neste sentido, o homem como objeto do conhecimento moderno deve ser pensado como um acontecimento e não como uma realidade tomada a priori e universalmente válida. Do mesmo modo que Foucault questiona a invenção deste ser finito e demarcado, ele

se volta para a arqueologia das ciências humanas. Interpretando esta arqueologia, Paul Veyne destaca em seu trabalho *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*, algumas considerações sobre a questão da cientificidade da História. Iniciemos pela interrogação: Por que a história não é uma ciência?

Diante das considerações de Veyne (1995) a história carece ainda de uma estrutura que lhe dê leis que possam servir de um ponto de partida. A história apresentada por ele não passa de uma narrativa que é bem amarrada, mas que não atingiu ainda o caráter científico, por apresentar aspectos insuficientes na explicação do tema analisado. O historiador é colocado na categoria de um diretor, por que é ele quem escolhe o assunto, tece a trama e dá as entonações necessárias para que se obtenham os resultados, que inclusive, são contestados por Veyne, pois é diante dos fatos, eventos e acontecimentos que o historiador realiza seu jogo de interesses, e escolhe qual caminho vai seguir para produzir uma história com um caráter romântico. As incoerências do campo histórico são apresentadas pelo autor como lacunas dotadas de crença de veracidade.

O campo da história é, pois, inteiramente indeterminado, com a única exceção: é preciso que tudo o que nele se inclua tenha, realmente acontecido. Quanto ao resto, que textura do campo seja cerrada ou rala, completa ou lacunar, não importa; uma página de Revolução Francesa tem uma trama suficientemente cerrada para que a lógica dos acontecimentos seja, que completamente, compreensível e para que a Maquiavel ou um Trostsky tivessem podido tirar dela toda uma arte política; no entanto, uma página de história do antigo oriente, que se reduz a uns poucos dados crónológicos e contém tudo o que se sabe de um ou dois impérios, dos quais só restou o nome, ainda assim é história. (VEYNE: p. 26)

Vemos que as relações entre os eventos são diferentes, pois, um evento apresenta uma riqueza de fatos, porém o historiador pode escrever centenas de páginas sobre esses fatos ou reduzi-los a um pequeno parágrafo. Assim, da mesma forma que os interesses dos historiadores fazem com ele dê mais importância a eventos, datas e acontecimentos, estes mesmos interesses pode excluir outros eventos, datas e acontecimentos. A história é permeada ainda por muitas lacunas, principalmente quando se tem a pretensão de alcançar a totalidade gerando assim algumas divergências no seu próprio seio. É o historiador que escolhe o estilo de explicar e ensinar a história, assim, além da subjetividade do pesquisador que é inerente à análise historiográfica, existe também a influência dos referenciais teóricos, cuja análise na medida em que privilegia um aspecto da vida social, exclui ou minimiza os outros aspectos que também constituem o acontecimento. Estes argumentos são utilizados por Veyne (1995)

para reforçar a incoerência da narrativa histórica, que não consegue figurar o real e suas infinitas possibilidades de análise.

Além de tentar definir o homem na história, o historiador ainda buscar reviver o passado, e analisar a conduta humana, mas certamente não o pode fazê-lo, pois, assim como não se pode reviver o passado, não se pode fazer um julgamento de valor de acordo com os valores de sua conduta, como afirma o próprio Veyne (1995),

“ explicamos as coisas, mas compreendemos os homens”, dizia Ditley; para ele, esta compreensão era uma intuição *sui generis*. É este ponto que precisamos examinar em primeiro lugar. Além do atrativo pelo antropocentrismo, a teoria da compreensão diltheyana deve seu sucesso ao caráter contraditório de nossa experiência do homem: este ponto sempre nos surpreende, mas parece-nos gabássemos de compreender o homem. Só o compreendemos depois de considerado, como fizemos para a natureza, e que toda a nossa pretensa intuição não nos permite nem prever, nem retrodizer, nem decidir que tal costume (ou tal maravilha da natureza) é impossível. (p. 144)

As análises que os historiadores fazem dos homens no passado é realizada com o olhar dos valores presente, assim seria impossível aos historiadores acessar as formas de consciência destes agentes de forma efetiva. A consciência das condutas pode ser percebida através das praticas dos atos, mas nem todos os agentes teriam a noção de consciência de seus atos. Ilustrando esta ideia, Veyne (1995) cita a figura do rei que ao assumir o seu trono precisaria criar um conjunto de leis para o seu povo. A questão é que ele poderia instituir esta lei não necessariamente pensando no povo, mas no seu próprio governo e não há meio que nos permita chegar a uma assertiva segura. Neste sentido, como o historiador pode encerrar seu raciocínio com uma simples resposta, se existe infinitas possibilidades de interpretar este fato? Nesta perspectiva a verdade do fato não está a nossa espera para ser revelada, pois ela sempre será uma construção discursiva do historiador.

No entanto, a história ainda pode alcançar condições para se tornar uma ciência, porém precisaria de estrutura para fundamentar suas explicações. Para o autor a história ainda está muito presa na explicação da individualidade dos acontecimentos, o que a torna muito seletiva. Veyne (1995) afirma que a economia é um campo que apresenta características verossímeis, porque dentro da lógica marxiana ela desmostra ser o aspecto determinante de uma sociedade. Mas, ainda que o autor identifique a economia como elemento possível de ser compreendido, ele não deixa de formular críticas sobre esta hipótese que aparenta ser determinante, e assim exclui os outros aspectos que possuem a mesma importância para o

entendimento da relação do homem com a história. A História para Paul Veyne é uma fonte aberta que não apresenta leis que permitam dar a ela uma característica própria, não pode jamais se determinar, não apresenta configurações coesas em seu formato, por isto, o autor a classifica como pré-científica, que só alcançará sua elevação à categoria de ciência, quando se transformar em sociologia⁴.

Sobre a prática arqueológica, Veyne (1995) destaca que Foucault é um historiador acabado pelo seu modo de vê e escrever a História sem enquadrá-la nos moldes de uma grande narrativa, mas como uma história dos infames, vencidos e na contramão das teorias recorrentes de pensamento. Muitos outros historiadores foram influenciados pela forma que Foucault compreende o homem e a história, possibilitando assim, novos campos historiográficos como história das mentalidades, do imaginário, da sexualidade, da doença entre outros. A filosofia foucaultiana realiza uma crítica ao afirmar que os historiadores não percebem as lacunas que deixam quando vão explicar suas histórias, com destaca Veyne (1995):

Tudo o que Foucault diz aos historiadores é o seguinte: vocês podem continuar a explicar a história como sempre o fizeram: somente, atenção: se observarem com exatidão, despojado os esboços, verificarão que existem mais coisas que devem se explicar do que vocês pensavam; existem contornos bizarros que não eram percebidos. (p.189)

Assim podemos perceber que todas as considerações de Veyne reforçam a prática filosófica foucaultiana, ao afirmar que o papel do historiador é trazer aquilo que ele deixa na escuridão para a luz, buscando ir além do modo visível do fato, e não determinar um aspecto importante como determinante, mas cogitar as várias interligações diante destes aspectos que ajudam a construir a narrativa. Expor à luz aquilo que está incompreendido pela nossa consciência, tornando-se um diretor, que escolhe o acontecimento, seleciona os fatos, recorta-os e dar ênfase aos aspectos que lhes são relevantes.

A influência de Michael Foucault na história alterou uma série de questões discutidas pelos historiadores do movimento dos Annales no século XX. A necessidade de tornar a história uma ciência comparada à crescente sociologia, fez de Bloch e Febvre combatentes

⁴ Apenas a sociologia faria da História uma ciência acabada, uma vez que a sociologia se caracteriza por pelo estudo de regularidades e generalidades. Para que isso acontecesse os historiadores e sociólogos deveriam tomar café juntos, e manter uma relação de interdisciplinaridade na tentativa de construir uma ciência histórica.

por um projeto de história científica. Já para Michel Foucault um dos maiores questionadores das ciências humanas, o importante não é o estatuto de ciência em si, pois este se tornou importante em virtude de um deslocamento ocorrido no interior do próprio discurso, mas as incorporações que a narrativa histórica pode fazer da vida daqueles que se encontram na periferia lacunar da História. Sua forma de discuti a linguagem, os conceitos, e o discurso tornaram-se temas não muito convencionais, pois, provocam diferentes posicionamentos nos profissionais de ciências humanas.

Conclusão

Para o pensamento foucaultiano o aparecimento do homem como objeto do conhecimento é uma invenção contemporânea, assim como o próprio surgimento das ciências humanas. Para Foucault o importante não é saber como as ciências do homem constituíram-se enquanto tal, mas quais as condições que propiciaram seu surgimento. O desenvolvimento da linguagem é apontado como revelação do homem moderno, uma vez que a ciência construiu seu discurso, tendo o homem como sujeito/objeto das novas empiricidades. Trabalho, vida e linguagem aparecem como discursos transcendentais articulados à categoria da representação, que torna possível o surgimento da economia política, biologia e Gramática Geral.

Toda ciência humana está solidificada dentro de um campo histórico, ou seja, Foucault não deixa de apontar a historicidade própria à natureza das coisas. Mesmo que se fale em descontinuidade, é por meio da história que cada uma das ciências se legitimam, pois existe uma história que lhes é própria. O homem em si é um ser histórico, e ainda que ele seja uma “invenção recente” ele está aí há muito tempo. Sua construção não é recente, mas de muito tempo, no entanto, pensar a respeito dele mesmo e até criar uma ciência que estuda ele mesmo isto sim é um acontecimento recente.

Mas, a análise foucaultiana, chamada de “arqueológica” não se limita em mostrar a natureza das mudanças epistemológicas, como também questiona o estatuto científico das ciências humanas, a começar pela própria fragilidade da categoria representação que não se refere à coisa em si, e nem à revelação das propriedades do objeto, mas à sempre novas significações. A história enquanto narrativa é incapaz de mostrar a totalidade dos eventos, pois, se tudo é histórico, logo ela não existe enquanto ciência que averigua o conjunto de determinações, mas unicamente como seleção lacunar. Não havendo uma objetividade em relação ao objeto e nem ao conhecimento decorrente do mesmo, as ciências do homem, incluindo a história, estariam sujeitas a falácia de ser uma ciência.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. de Salma T. Muchail, 8ed. SP: Martins Fontes, 1999.

PRADO, Shirley Donizete; SAYD, Jane. **Como poderia a Gerontologia, um campo multidisciplinar do saber, estar presente na Tabela das Áreas do Conhecimento do CNPq?**. Revista Ciênc. saúde coletiva vol.12 no. 6 Rio de Janeiro Nov./Dec. 2007

VEYNE, P. **Como se Escreve a História: Foucault revoluciona a História**; trad. de Alda Baltar e Maria A. Kneipp. Brasília: Edunb, 1995

POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault: entrevistas**. Trad. de Vera Portocarrero e Gilda G. Carneiro. RJ: Graal, 2005.